

UMA CANETA, MANCHETES E (DES)MANIPULAÇÃO: palavras como objeto de disputa

Eliane Kist

(Universidade Estadual do Oeste do Paraná)

<https://orcid.org/0000-0002-5678-3628>

João Carlos Cattelan

(Universidade Estadual do Oeste do Paraná)

<https://orcid.org/0000-0002-7838-5284>

RESUMO:

Sob a perspectiva da Análise do Discurso francesa, de Michel Pêcheux, este artigo examina o funcionamento da noção de Formação Discursiva no processo discursivo de duas manchetes, uma do *Portal G1 de Notícias* e outra do jornal *Estadão*, reescritas pelo viés da página do *Facebook Caneta Desmanipuladora*. Buscamos, sobretudo, examinar os efeitos de sentidos imbricados no processo de reformulação das manchetes. Para sustentar nossa análise, no decorrer do texto, mobilizamos outras noções da teoria como formações ideológicas, interdiscurso e memória, a fim de melhor observar o funcionamento da ideologia, sua regulação na linguagem e os efeitos de sentido sustentados pelas formações discursivas. Nossa análise permitiu compreender que os efeitos de sentido nas manchetes são determinados pelo efeito de evidência das formações discursivas e pelas contradições que estas põem em movimento.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso; Manchetes; Caneta Desmanipuladora; Formações Discursivas.

A PEN, HEADLINES AND (DIS) MANIPULATION: words as object of dispute

ABSTRACT:

From the perspective of the French Discourse Analysis, by Michel Pêcheux, this article examines the functioning of the notion of Discursive Formation in the discursive process of two headlines, one from “Portal G1” and another from “Estadão” newspaper, rewritten through the bias of the Facebook page “Caneta Desmanipuladora” (Dismanipulating Pen). We seek, above all, to examine the effects of intermingled meanings in the process of reformulating headlines. To support our analysis, throughout the text, we mobilized other notions of theory such as ideological formations, interdiscourse and memory, in order to better observe the functioning of ideology, its regulation in language and the effects of meaning sustained by discursive formations. Our analysis allowed us to understand that the effects of meaning in the headlines are determined by the evidence effect of the discursive formations and the contradictions they set in motion.

KEYWORDS: Discourse Analysis; Headlines; Dismanipulator Pen; Discursive Formations.

1 Considerações iniciais

Este artigo analisa duas manchetes que circularam na página do *Facebook Caneta Desmanipuladora* no ano de 2017 – uma do *Portal G1 de Notícias*, outra do jornal *Estadão* –, com o objetivo de refletir sobre os efeitos de sentido imbricados na (re)formulação das manchetes. Para isso, buscamos observar os mecanismos ideológicos discursivos que determinam os dizeres na materialidade linguística. Observamos, assim, o funcionamento de duas formações discursivas distintas, compreendendo o gesto da *Caneta Desmanipuladora* como um posicionamento de resistência aos sentidos dominantes postos em circulação pela grande imprensa. Para pensar o modo como se dá essa forma de resistência, ancoramos nossa reflexão nos dispositivos teórico-metodológicos da Análise do Discurso francesa, teoria que

coloca a interpretação em questão e busca “compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos” (ORLANDI, 2005, p. 26). Para melhor sustentar nossa análise, mobilizamos, também, da teoria, as noções de interdiscurso, ideologia e memória, as quais consideramos pertinentes para a compreensão da produção discursiva da *Caneta Desmanipuladora*, sobre os sentidos ideologicamente estabilizados da grande mídia.

2 Sobre a Grande Mídia

Convém esclarecer que, neste artigo, o conceito de Grande Mídia refere-se a uma expressão usada para designar os meios de comunicação que influenciam um grande número de pessoas e refletem correntes de pensamento dominantes. Ela pode ser contrastada com os meios de comunicação alternativos como a mídia independente, que podem conter conteúdo com pensamento mais divergente. Os grandes conglomerados de mídia, incluindo jornais e meios de transmissão, são muitas vezes referenciados pelo termo. A concentração de propriedade da mídia tem levantado preocupações sobre uma homogeneização dos pontos de vista apresentados aos consumidores de notícias e de espetáculos da cultura audiovisual contemporânea. Consequentemente, o termo mídia tradicional tem sido amplamente utilizado no sentido de oposição, ou de desprezo, em debates sobre os meios de comunicação e o viés midiático.

Segundo alguns estudos na área da comunicação (tais como o trabalho do filósofo Noam Chomsky), a grande mídia define a agenda e organizações menores a replicam. No Brasil, algumas poucas famílias controlam os principais meios de comunicação, cenário que se repete em outros países. Sendo assim, países como o Brasil podem ser definidos como lugares onde os maiores meios de comunicação seguem nas mãos de poderosas famílias próximas da classe política.

A crítica à imprensa precisa estar presente, ainda mais quando se trata de instituições que têm grande influência na formação da opinião pública. Cada vez mais temos novas ferramentas para desenvolver a comunicação entre as pessoas e fazer circular a informação. Muitas dessas novas formas, possibilitadas pela internet,

permitem que outras interpretações sobre os fatos noticiados possam se contrapor às narrativas hegemônicas da grande mídia.

A luta por uma maior democratização da comunicação no Brasil não é algo que acontece somente agora, com o advento da internet. O enfrentamento ao monopólio da informação continua sendo um desafio. O que discutimos neste artigo refere-se ao tema de um modo geral. Abordamos a questão sob a atual conjuntura: com o surgimento das novas tecnologias de comunicação, a relação entre a mídia e o público leitor sofreu um deslocamento com o chamado jornalismo colaborativo, ampliando o poder de participação de iniciativas oriundas de outros setores da sociedade. O que se verifica é que este fenômeno provocou uma mudança nos espaços de interação entre mídia e leitor. Os espaços se configuraram de tal modo que possibilitaram que vozes antes silenciadas agora possam se manifestar.

Essa configuração, proporcionada pelas novas tecnologias, possibilitou uma maior democratização dos espaços ocupados entre mídia e leitor. Agora temos muitos escrevendo para muitos. Isso permitiu que surgissem novas formas de comunicação, ampliando a pluralidade nesse meio, bem como a circulação da informação. Na atualidade, “parte da disputa pela opinião pública se dá nessa esfera conectada e em publicações *online* independentes da grande mídia” (ABRAMO, 2016, p. 9). A relação dos jornalistas e do jornalismo com sua audiência foi fortemente marcada por tensões ao longo do tempo. A arrogância profissional e a primazia na emissão das informações fizeram com que os lados de quem emite e de quem recebe estivessem bem demarcados durante um longo período. Atualmente, com o quase desaparecimento dessa demarcação, cabe às instituições ouvir de forma séria seus leitores. São eles que atestam a credibilidade de que tanto se vangloriam as empresas jornalísticas. Embora circulem pela internet de forma bem humorada, a crítica à imprensa precisa ser levada a sério (VIEIRA, 2016). Nesse sentido, a crítica direcionada à imprensa tem tomado uma direção interessante com a tecnologia digital. Um exemplo desses novos gêneros é a página *Caneta Desmanipuladora*, objeto de análise deste artigo.

3 Sobre os novos gêneros textuais e a Caneta Desmanipuladora

Criada em maio de 2016, a *Caneta Desmanipuladora* é uma página das redes sociais que tem como proposta “desmanipular” narrativas da mídia hegemônica que apresentem algum desvio semântico, linguístico ou que subvertam o real sentido da notícia. O trabalho de desmanipulação, nos moldes propostos pela *Caneta Desmanipuladora*, aproxima-se bastante de um ponto de vista pedagógico: os *recursos* utilizados lembram a correção escolar quando, por exemplo, imprimem um risco ou um “x” com caneta de tinta vermelha sobre algumas palavras, substituindo-as por outras consideradas mais adequadas. Além da “correção” da manchete, a página ainda produz um *lead*, explicando o porquê da substituição. Com suas intervenções, a *Caneta Desmanipuladora* busca produzir novas significações, apresentando outro ponto de vista sobre os fatos noticiados pela mídia hegemônica. O contexto de circulação das manchetes selecionadas é setembro de 2017, pós-impeachment da Presidenta Dilma Rousseff.

Nestas primeiras décadas do século XXI, é possível afirmar que a criação de novos gêneros textuais, resultado de uma sociedade midiaticizada, permite uma maior pluralidade na comunicação. Nos dias de hoje, “(...) além de produtores de notícias, cidadãos comuns estão, cada vez mais, exercendo o papel de críticos do jornalismo feito pelas empresas tradicionais de mídia” (VIEIRA, 2016). Ao produzirem suas próprias narrativas e conteúdos sobre os acontecimentos, os usuários das redes buscam romper a estrutura do jornalismo convencional, apontando para outras possibilidades de interpretação; mexendo, assim, com sentidos estabilizados e institucionalizados.

Com a internet, a mídia tradicional perdeu, em certa medida, seu poder exclusivo sobre a interpretação dos acontecimentos. Mas, mesmo assim, ela ainda mantém sob sua responsabilidade a maior parte da produção e circulação da informação. Inclusive na internet. Ou seja, a mudança da mídia impressa para a *online* mantém garantida, ainda, uma grande influência sobre a formação de opinião. Um exemplo do poder de atuação dos grandes veículos de comunicação sobre a opinião pública pôde ser dimensionado durante

o processo de impedimento da Presidenta Dilma Rousseff, em 2016: marcado por um viés editorial, a atuação da mídia gerou controvérsias sobre seu papel ao tratar o processo de afastamento da Presidente Dilma Rousseff. Com tomadas de câmera e formas de abordagens questionáveis sobre os movimentos pró e anti-*impeachment*, os grandes conglomerados da mídia deixaram de lado seus discursos de objetividade, assumindo, como muitos entenderam naquele momento, um viés político-ideológico. Contrárias às organizações tradicionais, as mídias alternativas tem desempenhado um papel de verificador e produtor de conteúdo, assumindo um posicionamento político e ideológico desde sempre.

4 Sobre ideologias e sujeitos

É de Althusser o conceito de ideologia pensada como instrumento de dominação e de reprodução das condições de produção que Michel Pêcheux traz para o campo da linguagem. Nas formulações de Pêcheux (2014, p. 145), “a ideologia produz o sujeito pela interpelação-identificação e fornece as evidências que mascaram o caráter material dos sentidos”. Consequentemente, “é ela quem se manifesta no fio discursivo e acaba por naturalizar/produzir a ‘realidade’ segundo os interesses daqueles que detêm o poder na sociedade” (OLIVEIRA, 2016, p. 121). Assim, é pela interpelação ideológica que o indivíduo é levado à condição de sujeito ideológico. Desta forma, cada indivíduo é então conduzido a ocupar um lugar: o de sujeito, afetado pela língua e pela história. Essa é uma questão fundamental, já que sujeito, língua e história se constituem ao mesmo tempo.

Queremos dizer com isso que a ideologia está no próprio funcionamento da língua e do sujeito e, portanto, “essa é uma relação constitutiva”. É por meio das relações com o social (com a língua, com o simbólico), que o sujeito compreende as relações de sentido, pois, “a língua se faz nessa relação com o sujeito. Esta é uma relação perpassada, necessariamente, constitutivamente pela ideologia, pela história” (PFEIFFER, 2017). Em vista disto, uma das formas de materialização da ideologia é o discurso. Essas reflexões precedentes envolvem a constituição do sujeito ao qual se refere a Análise do Discurso: sujeito clivado, determinado pela história, interpelado pela

ideologia e atravessado pelo inconsciente. E a linguagem é o espaço de constituição do sujeito e o lugar da materialização da ideologia, onde é possível observar a relação sujeito, ideologia e linguagem e como estes são afetados nessa relação. A ideologia, nesse sentido, é compreendida “como um processo constitutivo do funcionamento da língua, do funcionamento da linguagem” (PFEIFER, 2017).

5 Efeitos de sentido sobre sentidos

As manchetes tomadas para análise não são aleatórias e fazem parte de uma pesquisa em andamento. Neste texto, por uma questão metodológica, as sequências discursivas são um recorte das manchetes que compõe o *corpus* da pesquisa. Propomos, assim, examinar estas sequências como o espaço da relação sujeito-linguagem-história. Desta forma, nos referiremos às manchetes como “Sequência Discursiva da Grande Mídia”: SDGM. E às sequências formuladas pela *Caneta Desmanipuladora*, de “Sequência Discursiva da Caneta Desmanipuladora”: SDGD. É por meio dessas sequências discursivas que buscamos observar o funcionamento e os efeitos de sentido produzidos pelas (re)formulações nas manchetes.

Vejamos, então, como se dá esse funcionamento nas primeiras SD's:

SD1GM: “Desaprovação de Lula cai e de Moro sobe, diz instituto”.

SD1GD: “Aprovação de Lula **sobe** e de Moro **desce**, diz instituto”.

(Manchete postada pela página *Caneta Desmanipuladora* em 24/09/2017).

As manchetes jornalísticas são formuladas e pensadas levando em conta o estilo desse gênero: um texto curto que resuma o tema da notícia e que consiga chamar a atenção do leitor com poucas palavras. Nesse âmbito, as escolhas lexicais são pensadas levando em conta as características e os objetivos desse gênero. Na SD1GM, que traz o enunciado “*Desaprovação de Lula cai e de Moro sobe, diz instituto*”, a manchete em questão informa sobre uma pesquisa de opinião sobre dois personagens da política brasileira: o ex-presidente Lula e o ex-juiz Sergio Moro. Para falar sobre a pesquisa de opinião destes dois personagens, as escolhas lexicais feitas pelo *Estadão* para

a formulação da manchete funcionam para promover certa confusão de conceitos. Isto porque a formulação precisa atender a toda uma relação da instituição jornalística com o já-dito e o que se está dizendo. E essa relação com o já-dito, o interdiscurso, é que determina sua formulação, pois o interdiscurso pode ser definido como “conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos” (ORLANDI, 2005, p. 33).

Ao formular a manchete, o *Estadão* filia-se a redes de sentidos, determinadas pela relação que estes têm com a língua, com a história, através da ideologia. Nesta perspectiva, o Jornal evidencia seus compromissos políticos e ideológicos. Mas, como a manchete remete a isso que acabamos de afirmar? A partir da materialidade linguística, com a escolha do significante “desaprovação” que inicia a manchete. Nos termos como foi formulada, a sequência discursiva tende a produzir um sentido, subjacente, de uma ideia negativa sobre a avaliação do ex-presidente Lula. E como a manchete consegue fazer isso? Ao trazer os dados de uma pesquisa com a avaliação positiva sobre o ex-presidente Lula, O *Estadão* organizou as palavras estrategicamente, de forma a associar o nome “Lula” próximo à palavra “cai”, na manchete. Isto porque precisa associar o nome “Moro” a uma palavra de semântica positiva, como “sobe” (SALLORENZO, 2018, p. 58). Desta forma, por meio destas construções linguísticas, é possível remeter o nome do ex-presidente a uma rede de sentidos e significações negativas.

É nesse sentido que o discurso do *Estadão* é regulado pela formação discursiva, trazendo o interdiscurso de uma forma específica para dentro do processo discursivo. A manchete é tecida por uma gama de estratégias e intenções, de maneira que o enunciado sustenta um ponto de vista e deixa ali a sua marca da subjetividade. Assim formuladas, contornadas e manipuladas as palavras, a manchete consegue manter o nome “Moro” associado à palavra “sobe”, palavra de semântica positiva. Afinal, o que impede o *Estadão* de construir a frase: “Aprovação de Lula sobe e de Moro cai”, como fez a *Caneta* na SD1DC? Assim, ao fazer a leitura da manchete, retomamos pela memória esses *já-ditos*, que significam mesmo a manchete não dizendo. Como afirma Orlandi (2005, p.49): “o trabalho ideológico é um trabalho da memória e do esquecimento”. O sujeito esquece que o que foi dito poderia ser dito

de várias outras formas e tem a ilusão de que os sentidos ali significam sua vontade imediata.

Como já mencionamos, o sujeito não é a fonte do sentido, não é o dono de seus dizeres. E isso ocorre porque, de acordo com a Análise do Discurso, o sujeito é afetado por dois tipos de esquecimentos: o esquecimento número 1, que é da instância do inconsciente e se refere ao modo como este é afetado pela ideologia. Portanto, é a ideologia que provoca esse esquecimento dando ao sujeito a ilusão de ser a origem de seu dizer; a ilusão de ser o “criador absoluto do seu discurso”, quando na realidade ele se vale de discursos *já-ditos* (interdiscurso). O outro esquecimento, o de número 2, está relacionado ao aspecto parafrástico da linguagem. Por efeito desse esquecimento:

(...) o sujeito retoma o seu discurso para explicitar a si mesmo o que diz, para formulá-lo mais adequadamente, para aprofundar o que pensa: na medida em que, para antecipar o efeito do que diz, utiliza-se de “estratégias discursivas” tais como a “interrogação retórica, **a reformulação tendenciosa e o uso manipulatório da ambiguidade**”. É a **operação de seleção linguística** que todo falante faz **entre o que é dito e o que deixa de ser dito**; em que, no interior da formação discursiva que o domina, **elege algumas formas e sequências que se encontram em relação de paráfrase e “esquece”, oculta outras**. Essa operação dá ao sujeito a ilusão de que o discurso reflete o conhecimento objetivo que tem da realidade (BRANDÃO, 1997, p. 66. Grifos nossos).

O que podemos perceber é que há um trabalho de sentido sobre o sentido nas sequências discursivas, instaurado pelo movimento de desidentificação com o discurso de uma formação discursiva em relação à outra. Daí a estratégia de contornar, tergiversar a informação, convertendo ou manipulando as palavras para produzir um efeito de sentido, determinado pela relação que cada formação discursiva mantém com o interdiscurso. Assim, o *Estadão* não deixou de apresentar os dados da pesquisa. Também não manipulou o percentual de opinião da Ipsos sobre as figuras de Lula e Moro. Ao observarmos o movimento de sentido no âmbito dos dois discursos, verificamos que estes são produzidos a partir de posições-sujeito distintas. Portanto, esses enunciados se relacionam

diferentemente com a ideologia e produzem efeitos de sentido distintos. Não há, nesses movimentos, uma manipulação de dados e nem mesmo omissão da informação. Mas, isto sim, uma manipulação na forma de construção do enunciado para produzir efeitos de verdades, vinculando seus enunciadores a certa formação discursiva. Uma manipulação da escolha lexical em prol da confusão de conceitos, obedecendo a um funcionamento ideológico (SALLORENZO, 2018, p. 58).

A Análise do Discurso entende que todo dizer é ideológico e as palavras adquirem seus sentidos de acordo com as posições ideológicas nas quais são produzidas. Em determinados momentos históricos, as relações de lugares na sociedade apresentam conflitos de posições político-ideológicas. A estas relações de antagonismo, aliança ou dominação em uma dada conjuntura histórica, Pêcheux (2014, p. 163) vai chamar de Formações Ideológicas: “um elemento (...) suscetível de intervir como uma força em confronto com outras forças na conjuntura ideológica característica de uma formação social”. De forma que interpretamos o mundo e as coisas a partir das posições que ocupamos, sendo os sentidos “da ordem das formações discursivas” (POSSENTI, 2005, p. 360), lugar de manifestação das formações ideológicas. Portanto, é a partir das posições-sujeitos e suas filiações a determinadas formações ideológicas, que o sujeito lê e interpreta o mundo. A partir daquilo que já está estabelecido, do que já estava aqui antes dele. No entanto, esquecemos que não falamos sozinhos. Esquecemos que recorremos a algo que é social para organizar e construir nossos dizeres. Esquecemos que somos sujeitos da língua e da ideologia e que é a ideologia que produz esse esquecimento:

É a ideologia que fornece as evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascaram, assim, sob a “transparência da linguagem”, aquilo que chamamos *o caráter material do sentido* das palavras e dos enunciados (PÊCHEUX, 2014, p.146, grifos no original).

Por meio de seus dispositivos teórico-metodológicos, a Análise do Discurso possibilita compreender como “o texto organiza

os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido” (ORLANDI, 2005, p. 26); sua forma de abordagem permite trazer à superfície do texto as marcas ideológicas deixadas pelos sujeitos desfazendo a ilusão de transparência da linguagem, ao expor a materialidade do processo de significação e constituição do sujeito. Permite, também, compreender como determinados sentidos são sustentados por formações discursivas distintas, produzindo o efeito de verdade nos dizeres dos sujeitos. A evidência do sentido e do sujeito é, pois, um efeito ideológico.

Ao relacionarmos essas noções com a nossa análise, podemos observar como isso acontece com a organização dos discursos das mídias: é pela determinação ideológica e pelas posições que ocupam, afetadas pela exterioridade, que as formulações discursivas do jornal *Estadão*, do *GI* e da *Caneta Desmanipuladora*, significam seus dizeres. Podemos dizer que os lugares discursivos aos quais se encontram inscritos o jornal *Estadão* e o *GI*, por exemplo, “é determinado pela relação de verdade e poder institucional” (GRIGOLETTO, 2005, p.1) que estes meios de comunicação e informação representam socialmente: a ideia de um discurso estabilizado e transparente que a grande imprensa busca sustentar ao leitor, buscando passar a ideia de objetividade e imparcialidade dos meios de comunicação e informação. Sobre esses lugares logicamente estabilizados, Michel Pêcheux (2015, p. 217) nos diz que: “o modo de produção capitalista reparte e distribui os agentes humanos em um número de *lugares* (...). Em relação a esse lugar, diferentes *posições* podem ser tomadas, em função de conjunturas institucionais”.

Como se vê, para a Análise do Discurso “o sujeito deixa de ser considerado o *mestre do sentido*, e passa a ser reconhecido como *assujeitado ao discurso*” (PÊCHEUX, 2015, p. 156, grifos no original). Isto porque o indivíduo é determinado em sujeito pela ideologia. Nessa perspectiva, o sujeito assume sua identidade baseado numa posição dada pelo discurso, lugar do sujeito. Afirmarões como essas são sustentadas por Orlandi (2005, p. 46), quando diz que “o trabalho da ideologia é produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência”. Assim, entendemos que sob essas determinações (e a partir delas), o *Estadão*, o *GI* e a *Caneta Desmanipuladora* mobilizam as palavras para produzir sentidos: por

meio das relações que estabelecem com as formações ideológicas e formações discursivas a que estão submetidos. A *Caneta*, ao interpretar as manchetes, também produz sentidos. E, ao produzir sentidos, se significa, assume uma posição em relação a esse discurso outro:

(...) ao significar, o sujeito se significa e o gesto de interpretação é o que, perceptível, ou não, para o sujeito e seus interlocutores, decide a direção dos sentidos, decidindo assim sobre sua própria “direção” (identificação, posição-sujeito etc.), ao inscrever-se em formações discursivas, reflexos das formações ideológicas (ORLANDI, 2013, p. 6-7).

Nessa perspectiva, as manchetes selecionadas para nossa análise são significativas, porque possibilitam demonstrar algo que é próprio da linguagem: a sua não transparência. Em razão da não transparência da linguagem, a Análise do Discurso vê o texto “como detentor de uma materialidade simbólica própria e significativa” (SILVA, 2005, p. 16). Conforme já mencionamos no texto, isso ocorre porque a linguagem produz o efeito de evidência de sentido e também a evidência do sujeito. Compreendida dessa maneira, a língua não é algo transparente onde podemos encontrar o sentido pronto nas palavras. Isto porque, as palavras, a memória, obedecem a um funcionamento ideológico. Por isso a AD não aceita que, dada uma palavra, seu sentido seja “óbvio”; para ela, a língua tem uma ordem própria, mas “que é posta a funcionar de uma forma ou de outra segundo o processo discursivo de que se trata numa certa conjuntura” (POSSENTI, 2005, p. 360). Nessas condições, o sentido está na materialidade linguística associada ao contexto histórico de produção e, portanto, impregnado de ideologia. Por isso, o sentido é um efeito ideológico.

Michel Pêcheux, em *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (2014, p. 147), definiu formação discursiva como “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito”. Assim compreendidas, as formações discursivas representam, no discurso, as formações ideológicas. O lugar da constituição dos sentidos que determina o que “pode” e “deve” ser dito. Isto quer dizer que “os

sentidos são construídos em relação às formações discursivas, às relações que a rede de filiações estabelece com o interdiscurso e os movimentos de recorte aí realizados conforme a memória discursiva” (SOUZA, 2017, p. 35). O conceito de memória discursiva na Análise do Discurso refere-se aos enunciados que se inscrevem em uma formação discursiva, mas não se refere a todos os sentidos, como é o caso do interdiscurso. A memória, portanto, não é individual. Ela é coletiva, é social e “se refere aos sentidos autorizados pela Forma-Sujeito no âmbito de uma formação discursiva” (INDURSKY, 2011, p. 19). Já o interdiscurso “é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos” (ORLANDI, 2005, p.33).

O que queremos demonstrar é que no entrelaçamento entre linguagem-sujeito-ideologia, sujeito e discurso se manifestam por meio da memória. Uma memória que é social e que retoma acontecimentos anteriores. Assim, ressoa na manchete um efeito de sentido que pode ser recuperado na historicidade relacionada às condições de produção da manchete: recuperamos, na SDIGM, as denúncias e o intenso processo envolvendo o ex-presidente Lula e sua condenação. E envolve a polarização política que se instituiu em volta desta condenação. Assim, as palavras “reprovação” e “desce” colam negativamente ao seu nome, trazendo à memória do leitor todo os acontecimentos envolvendo os dois nomes. É nesse sentido que o arranjo semântico na manchete relaciona os nomes “Lula” e “Moro” para produzir sentidos, de acordo como cada uma das formações discursivas em confronto querem fazer circular. A memória, na SDICD, é retomada obedecendo a um funcionamento distinto ao do Jornal *Estadão*, trazendo para o fio do discurso outras relações de sentido. Isto porque ela se filia a a outra rede de saberes, outras redes de memória que são opostas à da grande imprensa. Então ela faz deslizar a narrativa, “brinca” com as palavras, ironiza a manchete usando a mesma estratégia do jornal, associando o nome “Lula” à uma palavra de semântica positiva “sobe”, deixando, dessa forma, o nome “Moro” próximo a palavra “desce”, de sentido negativo. Nesse caso, “um efeito de sentido é tomado pelo outro efeito de sentido” (INDURSKY, 2011, p. 10), e isso indica que ocorreu um deslizamento de sentidos que aponta para o modo como os lugares de memória funcionam discursivamente.

Como podemos observar, nas formulações das manchetes, “cada termo funciona como uma tomada de posição, entendida como efeito de identificação, pois, nesse contexto, o uso desses termos, assume o viés de identificar o seu enunciador a certa rede de filiações, a certa FD” (SOUZA, 2017 p. 285). Ou seja, ao escolher as palavras que a sua formação discursiva autoriza, o *Estadão* revela suas filiações ideológicas, sua posição de dizer. A *Caneta*, ao não se identificar com o discurso do *Estadão*, interroga os saberes desse domínio do conhecimento (INDURSKY, 2011). Ao retomar os discursos do *GI* e do *Estadão*, o faz com deslizamento, ressignificado-os. Assim, “cada termo funciona como uma tomada de posição” (SOUZA, 2017, p. 285). Sob o viés discursivo, os elementos são retomados pelas formações discursivas no interdiscurso — o todo complexo com dominante das formações discursivas —, e são retomados de acordo com as diferentes relações ideológicas a que cada uma das formações discursivas está submetida, às relações ideológicas que subjazem a cada uma delas.

Nesse sentido, as formações discursivas são autorizadas a retomarem certos elementos e desautorizadas a retomarem outros. De forma que “cada formação discursiva estabelece relações diferentes com a exterioridade e traz o interdiscurso de uma forma específica para o fio do discurso” (SOUZA, 2017, p. 283), buscando legitimar os saberes em que se inscrevem.

A *Caneta*, ao tentar deslegitimar o discurso da grande mídia, busca legitimar seu discurso fazendo resistência ao que ela entende como manipulação da mídia hegemônica sobre a notícia. São essas as razões que motivam e trazem para dentro do seu discurso uma memória pedagógica. Daí a sua tentativa em romper o discurso hegemônico, ao mostrar o “erro” através da correção com tinta vermelha. Ao refutar o sentido anterior, estabelece uma relação de tensão: com a “correção”, o discurso da manchete passa a materializar um outro discurso fazendo deslizar o sentido anterior. Esse novo discurso coloca os sentidos à deriva, rumo a outras redes de memória. Ressignificado, esse discurso não se inscreve na mesma formação discursiva do *Estadão*. Dessa desidentificação se estabelece uma relação de tensão. Mas esse efeito de sentido, produzido pela reformulação da manchete, somente produz esse sentido crítico porque ressoa transversalmente o discurso do *Estadão*,

delineando-se um jogo de forças entre formações discursivas distintas.

Podemos visualizar formulação semelhante nas sequências discursivas seguintes:

- SD2GM: “Aprovação ao governo Temer varia de 8% a 19% nas capitais, aponta Ibope”.
- SD2CD: “Reprovação ao governo Temer varia de **81%** a **92%** nas capitais, aponta Ibope”. (Manchete postada pela *Caneta Desmanipuladora*, em 04/09/2016).

Ao fazer a substituição da palavra “aprovação” por seu antônimo “reprovação”, A *Caneta* desliza o sentido na manchete, aproximando dados negativos do Ibope ao governo de Michel Temer. A exemplo da SD1GM, a SD2GM formula a manchete para produzir uma ideia positiva a respeito do recém iniciado governo de Michel Temer, em novembro de 2016, após a conturbada destituição da Presidenta Dilma Rousseff. A produção da manchete refere-se a uma pesquisa de avaliação no início do governo Michel Temer e, na tentativa de formular uma ideia positiva a respeito de algo que trazia dados percentuais negativos do ponto de vista político, o *portal G1* de Notícias recorre aos mesmos procedimentos e recursos apontados na análise anterior: formula a manchete para apresentar a ideia positiva de algo negativo.

Pêcheux (2014, p. 147) nos auxilia no entendimento desses conflitos de narrativas, nos explicando que “as palavras, expressões, proposições etc., recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas”. Isto porque “os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos-falantes (em sujeitos de seus discursos) pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes”. Dessa forma, na substituição de uma palavra por outra, ocorre a inscrição da ideologia na discursividade, determinada pelas formações discursivas nas duas manchetes. “São dizeres que discursivizam os mesmos acontecimentos a partir de posições opostas” (SOUZA, 2017, p. 755), produzindo, assim, diferentes efeitos de sentido.

O que fica evidente no entrecruzamento do discurso da grande mídia e o da *Caneta Desmanipuladora*, é que a reformulação da *Caneta* desestabiliza a ideia de objetividade, desarmonizando os

saberes da formação discursiva da grande mídia ao colocar os sentidos à deriva. Nestes termos, a manchete se transforma em espaço e suporte de uma luta político- ideológica.

6 Considerações finais

Em nosso exercício analítico, buscamos observar os meandros discursivos implicados no processo de ressignificação de duas manchetes, pelo viés discursivo da *Caneta Desmanipuladora*. Desse modo, observamos a materialidade linguística da perspectiva da Análise do Discurso francesa, da qual mobilizamos alguns conceitos para dar conta da análise do trajeto discursivo, fazendo um contraponto entre as duas posições analisadas. Assim, observamos como os sujeitos são convocados pela ideologia para produzir determinados sentidos nos textos, empreendendo seus gestos a partir da formação discursiva na qual estão inseridos. Buscamos, também, demonstrar como o conceito de formação discursiva, determinada pelas posições ideológicas colocadas em jogo, constrói a ideia de transparência da linguagem. Além disso, a partir das escolhas de palavras, atreladas ao contexto de produção e o modo como a memória foi mobilizada nas sequências discursivas, buscamos apreender efeitos de sentido subjacentes envolvidos no processo de (re)formulações.

Enfim, o que buscamos demonstrar neste texto foi o funcionamento das formações discursivas conjugadas à ideologia, determinando as escolhas das palavras e os efeitos de sentido nos discursos das manchetes. O que observamos na disputa engendrada pela *Caneta Desmanipuladora* é que os efeitos de sentido, resultantes da disputa pela narrativa, são condicionados pelo processo de evidência das formações discursivas e do assujeitamento ideológico dos sujeitos dos discursos. A disputa, assim, decorre do confronto de posições ocupadas em formações discursivas distintas, determinadas pelo efeito da ideologia que impõe a ilusão de transparência da língua.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Perseu. **Padrões de manipulação na grande imprensa**. São Paulo. 2. ed. março de 2016. Disponível em: <<https://fpabramo.org.br/publicacoes/estante/padroes-de-manipulacao-da-grande-imprensa/>>. Acesso em: 21 nov. 2019.

AIUB, Giovani Forgiarini. **Quando o sujeito fal(h)a**: reflexões a partir das noções de ideologia e formação discursiva. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/domíniosdelinguagem/article/view/28830/16973>>. Acesso: 15 out. 2019.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. 6. Ed. Campinas, São Paulo. Editora da Unicamp, 1997.

BRASIL, Luciana Leão. Michel Pêcheux e a Teoria da Análise de Discurso: desdobramentos importantes para a compreensão de uma tipologia discursiva. **Linguagem - Estudos e Pesquisas**. Vol. 15, n. 1, p. 171-182, jan./jun. 2011. Universidade Federal de Goiás – Campus de Catalão. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/lep/article/view/32465>>. Acesso em: 08 out. 2019.

CANETA DESMANIPULADORA. **Reprovação ao governo Temer varia de 81% a 92% nas capitais, aponta ibope**. Facebook: Caneta Desmanipuladora. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Canetadesmanipuladora/>>. Acesso em: 12 nov. 2019.

FERNANDES, Claudemar Alves. **Análise do Discurso**: reflexões introdutórias. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Formações discursivas, redes de memória e trajetos sociais de sentido: mídia e produções de identidade. In: Seminário de Análise do Discurso (SEAD), 2. , 2005, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Porto Alegre: UFGRGS, 2005. Disponível em: <https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1293225/mod_resource/content/1/Gregolin_Formacao_o_discursiva_redes_de_memoria.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2019.

GRIGOLETTO, Evandra. Do lugar social ao lugar discursivo: o imbricamento de diferentes posições-sujeito. In: Seminário de

Estudos em Análise do Discurso, UFRGS, 2005, Porto Alegre. **Anais eletrônicos.** Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/EvandraGrigoletto.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2019.

INDURSKY, Freda. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Orgs.). **Memória e história na/da Análise do Discurso.** Campinas: Mercado de Letras, 2011.

OLIVEIRA, Sheila Alves de. **Discurso jornalístico em tempos de internet:** os embates de sentido na representação de Dilma Rousseff durante a campanha de 2014. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2016.

ORLANDI, E. P. **Discurso e leitura.** Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

ORLANDI, E. P. **Interpretação:** autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

ORLANDI, E. P. A materialidade do gesto de interpretação e o discurso eletrônico. In: DIAS, C. **Formas de mobilidade no espaço e-urbano: sentido e materialidade digital** [online]. Vol. 2, 2013. Disponível em: <<http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano>>. Acesso em: 08 de nov. de 2019.

ORLANDI, E. P. Michel Pêcheux e a Análise de Discurso. **Estudos da Língua(gem)**, [s.l.], v. 1, n. 1, p. 9-13, jun. 2005. Disponível em: <<http://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/973>>. Acesso em: 01 nov. 2019.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

PFEIFFER, Claudia Castellanos. “A leitura discursiva na escola”. In: LEITURA na perspectiva da Análise de Discurso Materialista. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=B19HPuJUKAM&t=2077s>>. Acesso em: 17 jul. 2019.

POSSENTI, Sírio. Diferenças condensadas em palavras. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v.26, n.3, p. 1075-1099, 2016, Campinas, São Paulo, Brasil. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/10959>>. Acesso em: 17 de nov. de 2019

SALLORENZO, Letícia. **Gramática da Manipulação**: como os jornais trabalham as manchetes em tempos de eleições (e em outros tempos também). Belo Horizonte: Quintal Edições, 2018.

SOUZA, Mariana Jantsch de. O discurso de ódio na democracia brasileira: uma análise discursiva do processo de rejeição e de destituição da Presidenta Dilma Rousseff. **Revista Palimpsesto**, n. 26, 2018, pag. 749-756.

SOUZA, Mariana Jantsch de. Designação e Análise de discurso: sobre o funcionamento do par golpe/impeachment. Giovanna Benedetto Flores [et al.] (Orgs.). **Discurso, cultura e mídia**: pesquisa em rede. Santiago: Ed. Oliveira Books, 2017.

SILVA, Maria Alice Siqueira Mendes e. Sobre a Análise do Discurso. **Revista de Psicologia da UNESP**, 4(1), São Paulo, 2005.

THUROW, Ane Cristina; PRESTES-RODRIGUES, Liliane da Silva. Metáforas conceptuais sobre corpo: um estudo do discurso de universitários. **Revista Calidoscópio** — Unisinos — Vol. 14, N. 3, p. 509-518, set./dez. 2016. Acesso em: 18 set. 2019.

VIEIRA, Livia de Souza. **Do jornalismo cidadão ao cidadão crítico**. Disponível em:

<<http://www.fncc.org.br/clipping/do-jornalismo-cidadao-ao-cidadao-critico-949864/>>. Acesso em: 18 ago. 2019.

Recebido em: 30/11/2019

Aceito em: 17/04/2020